



DIPLOMACIA

Líderes dos EUA e da China encerram um dia de agenda intensa, concentrada no desenvolvimento da inteligência artificial. Nas declarações, o empenho em administrar uma competição indisfarçada pela supremacia na corrida tecnológica

» SILVIO QUEIROZ

Ficou para a manhã de hoje, no encerramento da visita de Estado de Xi Jinping a Washington, a expectativa pelo anúncio de algum novo acordo entre China e Estados Unidos, além da prorrogação até janeiro de uma trégua firmada um ano atrás para a guerra das tarifas comerciais. O presidente chinês e a primeira-dama, Peng Liyuan, serão recebidos com chá por Donald e Melania Trump, na despedida do segundo encontro entre os dois líderes em menos de seis meses. Na noite de ontem, o casal visitante chegou à Casa Branca para um banquete de gala que teve entre os convidados os principais executivos das big techs, parte essencial as conversações mantidas entre os líderes durante o dia. A inteligência artificial (IA) está no centro de uma pauta cujo pano de fundo é a competição entre as duas maiores economias do planeta pela supremacia estratégica no campo tecnológico — uma disputa sem solução à vista, que Washington e Pequim tratam de administrar, explicam especialistas entrevistados pelo **Correio**.

Antes de iniciar a primeira reunião frente a frente, enquanto as primeiras-damas visitavam o Museu de Arte Asiática do Smithsonian Institute, os dois presidentes falaram brevemente à imprensa, concentrados no tema crucial da corrida tecnológica. Depois de defender que China e EUA zelem por "uma relação sem conflito nem confronto", o visitante ressaltou a importância de que "nossas duas Forças Armadas devam manter um diálogo regular e melhorar os mecanismos de comunicação e prevenção de crises".

As divergências sobre a inteligência artificial, porém, ficaram à vista nas entrelinhas. "Temos a capacidade e a responsabilidade de garantir que a IA se desenvolva sempre sob controle humano", afirmou o Xi. Trump concordou que se trata de um tema "urgente", e ressaltou que "as decisões que tomarmos hoje nesse âmbito podem promover a paz e a prosperidade durante décadas e décadas". Antes, porém, tinha reiterado, nas redes sociais, sua oposição a qualquer medida de controle: "Quero deixar isso exatamente como está".

A IA deixou de ser apenas uma questão tecnológica e se tornou parte central da competição estratégica entre EUA e China", diagnostica o professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM. "Há espaço limitado para diálogo sobre riscos e mecanismos de prevenção de incidentes, mas nenhum dos lados parece disposto a aceitar regras que reduzam sua capacidade de competir." Para Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB, Xi demonstrou que Pequim "disputa a liderança do setor e sabe que ele tem um de seus pilares na IA". A diferença fundamental na abordagem de cada uma das potências é que a China "vem defendendo uma IA que beneficie mais países, enquanto os EUA defendem que seja tudo patenteado".

Empate técnico

Na avaliação de ambos os estudiosos, o terceiro encontro bilateral desde o retorno de Trump à Casa Branca, em janeiro de 2025, terminou em uma espécie de "empate técnico". "Os resultados públicos mostram ganhos distintos para cada lado: Trump preservou instrumentos de

Trump e Xi contornam divergências

Saul Loeb/AFP



Donald e Melania Trump recebem os visitantes para o banquete de Estado: cardápio sofisticado, com os executivos das big techs à mesa



Temos a capacidade e a responsabilidade de garantir que a IA se desenvolva sempre sob controle humano"

Xi Jinping, presidente da China



Quero deixar isso (o controle do desenvolvimento da IA) exatamente como está"

Donald Trump, presidente dos EUA

pressão econômica e tecnológica; Xi conseguiu manter a trégua comercial e o diálogo bilateral, sem aceitar publicamente mudanças estruturais na posição chinesa", analisa Rudzit, da ESPM. "A extensão da trégua comercial produz benefícios diferentes para os dois lados. Para Washington, mantém pressão sobre Pequim, porque questões como compras agrícolas e

fornecimento de terras raras continuam em negociação. Para a China, evita uma nova escalada tarifária e preserva por mais algum tempo um ambiente relativamente estável para comércio e investimento."

Menezes, do Irel/UnB, entende que "a China deixa claro é que sabe o caminho que quer trilhar: que os EUA devem cooperar, para o bem da ordem internacional". Mas

observa: "Sabemos que o unilateralismo de Donald Trump não vai arrefecer diante de Xi. O que ele tenta é ganhar tempo, às vésperas das eleições legislativas", no início de novembro. "Procura passar a imagem de que é ele quem dá as cartas, dá murros na mesa e tenta mostrar que é ele quem tem condições de frear a China e defender de fato os interesses dos EUA.

Saul Loeb/AFP



Equipe da CNN de volta à mansão presidencial: vitória na Justiça

Juiz derruba censura a TVs

Uma ordem judicial obrigou ontem a Casa Branca a readmitir na mansão presidencial as equipes de imprensa das emissoras CNN e MS Now e do site Politico. Os três veículos tiveram o acesso revogado seis dias antes por Donald Trump, sob a acusação de que estariam difundindo "notícias falsas", e obtiveram do juiz federal Timothy Kelly uma decisão favorável ao regresso de seus correspondentes, mas na manhã de ontem pediram uma audiência de emergência para obrigar o governo a acatar a ordem judicial. O juiz tinha dado prazo até as 12h30 de ontem para o cumprimento, e a autorização para os jornalistas foi dada pouco antes.

"Bem-vinda", disseram vários colegas à repórter da CNN Betsy Klein durante sua primeira transmissão ao vivo após ser readmitida à Casa Branca. Ela pareceu surpresa ao ver uma multidão de repórteres ao seu redor, observou um correspondente da agência de notícias France-Presse (AFP). O juiz explicou que as credenciais de imprensa dos funcionários dos três veículos deviam ser restituídas "até nova ordem ou até a expiração desta ordem de restrição temporária", que permaneceria vigente por 14 dias. Também argumentou, na sentença, que essa proibição "provavelmente violou seus direitos constitucionais ao devido processo".

Os ataques de Trump a jornalistas não são novidade. Há tempos, o presidente investe contra veículos de mídia que criticam sua gestão e qualifica a imprensa como "inimiga do povo". Theodore Bourtous, que representou os meios de comunicação perante o tribunal, disse ao juiz que Trump "não disse nada sobre a segurança nacional" em sua postagem na plataforma Truth Social, onde anunciou as proibições. "O acesso à Casa Branca é um privilégio, não um direito", sustentou o Departamento da Justiça, antes da decisão.

"Segurança nacional"

Em carta endereçada à CNN, o gabinete de imprensa da Casa Branca acusou a emissora de "tráfegar falsidades verificáveis sobre segurança nacional e outros temas e publicar informação sensível ou sigilosa". Acusações similares foram feitas à MS Now e ao site Politico. A carta à CNN mencionou várias reportagens sobre a guerra no Irã e outro sobre os planos de Trump de construir um bunker militar debaixo do projetado salão de baile da Ala Leste da mansão presidencial.

Netanyahu fala para salão vazio

A saída em massa de dezenas de delegados roubou a cena, no plenário da Assembleia Geral das Nações Unidas, quando o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, foi à tribuna pronunciar seu discurso para o encontro anual. Entre vaías sonoras e aplausos entusiasmados da própria comitiva, o premiê desafiou os adversários antes de iniciar a fala: "Se restarem outros covardes morais que não deixaram, que o façam agora". Netanyahu rebateu as acusações de que seu governo promove o genocídio dos palestinos em Gaza e na Cisjordânia, defendeu a guerra iniciada em parceria com os EUA contra o Irã e levou para a sede da ONU sua troca de ataques com o prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, muçulmano e socialista, a quem acusou de antissemitismo e de cumplicidade com "os terroristas do Hamas".

Horas antes, os presentes à Assembleia assistiram a um pronunciamento do presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas, que pediu pressão sobre Israel para levar adiante um plano de paz acertado para Gaza. O discurso foi transmitido por

videoconferência, já que Abbas teve negado por Donald Trump o visto para que viajasse a Nova York — pelo segundo ano consecutivo.

Netanyahu alegou que seu governo impediu um genocídio com a resposta militar lançada contra Gaza após os ataques cometidos em 7 de outubro de 2023 pelo movimento islâmico Hamas, que deixaram como saldo cerca de 1.300 mortos e centenas de reféns, libertados após longos períodos de cativeiro. O contra-ataque israelense custou a vida de mais de 70 mil palestinos, na grande maioria civis, até o cessar-fogo firmado em outubro de 2025, e desde então mais de mil moradores do território foram mortos. "A verdade é simples: Israel não cometeu genocídio. Israel evitou um genocídio, que o Hamas teria feito, se não tivessem sido detidos por nós." A frase foi endereçada explicitamente ao prefeito de Nova York, a quem acusou de ser conivente com a perseguição a judeus na cidade.

O discurso do premiê rebateu também as denúncias sobre violência generalizada de colonos israelenses contra os

palestinos na Cisjordânia, território palestino sob ocupação desde a guerra de 1967. Nos últimos meses, incursões se repetem quase diariamente, com destruição e ocupação de casas, roubo de animais de criação e derrubada de oliveiras — que estão entre as principais fontes de renda para os moradores. Os ataques, muitas vezes com a cobertura de policiais e soldados israelenses, deixaram dezenas de mortes e forçaram centenas de palestinos a deixar suas casas. "O que a mídia cobre é um punhado de delinquentes juvenis, cerca de 150 no total, que vão ou atiram pedras e cortam oliveiras", disse Netanyahu. "Não vou tolerar isso", prometeu.

No início de sua fala, o governante israelense defendeu a decisão de atacar o Irã, em parceria com os EUA, em 28 de fevereiro, dando início a uma guerra que se aproxima de completar sete meses. "Devastar as instalações nucleares iranianas foi difícil, mas foi, para mim, a decisão mais fácil de tomar como primeiro-ministro", afirmou. "Porque, se não tivéssemos feito isso, estaríamos todos mortos."

Susan Sarandon é presa

Charly Triballeau/AFP



A atriz Susan Sarandon está entre os manifestantes detidos pela polícia de Nova York quando protestavam contra a presença de Benjamin Netanyahu na Assembleia Geral, pouco antes de o premiê israelense discursar. Exibindo cartazes com frases como "Acabem com o genocídio" e "Parem de fornecer armas a Israel", o grupo bloqueou o trânsito em uma avenida próxima à sede da ONU. A estrela de Thelma & Louise, participante habitual de manifestações de apoio à causa palestina, saiu do local algemada, ao lado da atriz Hannah Einbinder, da série 'Hacks'. O protesto foi promovido pelo movimento Voz Judaica pela Paz.